



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# REVOLTOU-SE A CRIAÇÃO

Por MARIO COSTA PINTO

**U**M dia destes, houve grande zaragata na quinta da senhora Tereza.

Galos, perús, pavões, não podiam ver com bons olhos que um coelhinho branco, que existia lá, fôsse distinguido com acepipes, quando a êles só era distribuida comida reles.

Os graduados da capoeira — que eram exactamente os galos, perús e pavões — esperaram pacientemente, durante algum tempo, que o rancho geral soffesse melhora mas os dias iam passando e a comidinha não soffria alteração, o que muito os aborrecia. Resultado: — de tanto que esperaram, perderam a paciência e começaram conspirando. Então, o imbecil do coelho havia de ter, logo de manhã, petiscos variados, e a restante criação só migas ordinárias? Aquilo não era lei que lhes servisse. Ou comiam todos do mesmo tacho, ou tinha que haver barulho.

Uma, duas, três, não sei quantas vezes, a criação assaltou o rancho do coelho. Porém, a senhora Tereza de vassoura em punho, pô-la tôda em debandada.

Como era natural, a criação sentiu-se ferida na sua dignidade e, querendo tirar um desfôrço daquela attitude injusta, lembrou aos galináceos mais velhos, um assalto à horta da senhora Tereza. Não tinham que hesitar. Nabos, couves, nabijas, tudo o que por lá houvesse verdinho, teria que desaparecer.

Reüniram, portanto, na capoeira, para tratar da conspiração muito a sério e muito em segredo. Os perús, os galos e os pavões subiram para cima dum poleiro. A presidência da sessão, foi dada ao perú mais velho; os pavões e os galos secretariaram.

Aberto o comício, cada um disse da sua justiça, e pelos vistos, todos estavam de acôrdo. Só uma galinha da índia contrariou um pouco os desejos da criação mas logo teve de render-se,



pois levou tão grande bicada no pescoço que ia desmaiando...

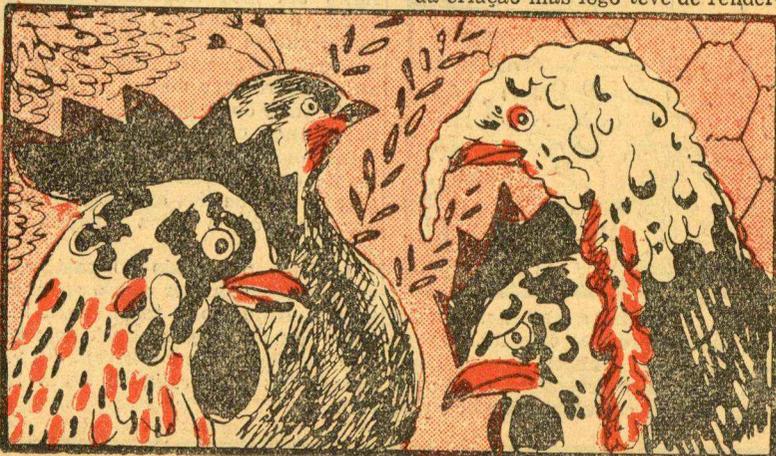
A reunião não durou muito tempo e, quando foi encerrada, todos os galináceos estavam mobilizados para o grande assalto à horta,

A noite passou a correr e às três horas o galo — que na capoeira tinha as funções de clarim — deu o sinal de alvorada.

Em dois minutos, a criação formou, depois bateu as asas — sentiu-se leve — e, galgando sebes e barrancos, atirou-se às couves, aos nabos, e às nabijas com tal fúria que nem uma folhinha deixou por destruir!

Dado o trabalho por concluído, a criação fez «meia volta, volver!» e regressou à capoeira, contentíssima da proeza que tinha decorrido às mil maravilhas.

De manhã, a senhora Tereza, ao passar pela horta, quasi ia morrendo de desgosto.



# MARIO E OS SALTIMBANCOS

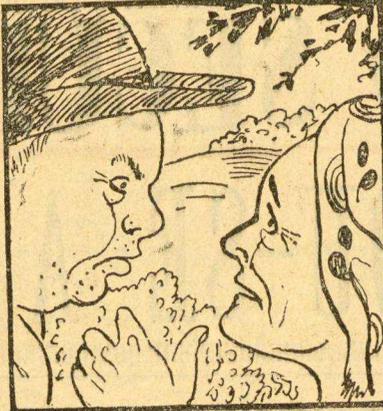
POR LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)

— «É lá possível, mulherzinha!  
— «É certo, senhor abade! — e os dentes da ti-Maria pareciam castanholas. — Venha comigo, se faz favor!»

E enquanto o senhor abade, todo atarantado, se deixava guiar pela ti-Maria do Monte, a velhota ia a soluçar:

— «Ai Virgem do Sameiro! Que grande desgraça!... Aquela santinha p'rá li morta, como um cão, Nosso Senhor me perdõe!...»



Mas D. Cecília não estava morta. Transportada com cuidado para casa do abade, chamaram imediatamente o marido. Este ocorreu, alarmado. Com infinitas precauções lavou o ferimento, pensou-o e deu-lhe umas injeções. Láí algum tempo, D. Cecília acordou do desmaio.

— «Mário! Meu filho!...»

O doutor Castro inclinou-se para sua mulher:

— «Não te preocupes, Cecília!... Deixa o Mário e sossega!...»

— «Não!... — tornou ela, em voz fraca, mas obstinada: — Mário!... Mário!...»

O médico não compreendia a aflição de D. Cecília. Julgando que o filho andasse na pândega, como era o seu costume, supoz que a senhora delirava e mentiu, para a acalmar:

— «O Mário está ali! Mas não o

deixarei entrar enquanto não estiveres mais sossegadinha!...»

— «Está... ali? Então... o cigano... foi... um... sonho... mau...»

E de corpo e espírito enfraquecidos pela perda de sangue, D. Cecília adormeceu, num sono pesado, de criança; O doutor Castro é que ficara alarmado com as últimas palavras da esposa.

— «O cigano?! — murmurou êle, dirigindo-se ao abade. — Não compreendo!... Quere ver que...? Não! Impossível! Mário não é criança que se deixe agarrar... Contudo, vou mandar procurá-lo...»

É claro que Mário não foi encontrado. A essa hora onde iria êle!...

O doutor Castro passou uma noite

horrível. Na incerteza do que aconteceria ao filho, impedido, portanto, de tomar providências e com a esposa em tão grave estado, o médico desesperava-se.

— «O que houve? Quem feriu a Cecília? Quem raptou Mário?» — murmurava êle, a cada momento.

Só de manhã teve a explicação de tudo. D. Cecília, ainda muito combalida, pediu insistentemente para ver o filho. E não houve remédio senão dizer-lhe a verdade. Então, a pobre senhora, as lágrimas a correrem em fio pelo rosto, a soluçar, a soluçar perdidamente, relatou o sucedido.

Mas... era tarde!...

Telegramas, telefonemas... tudo foi inútil!...

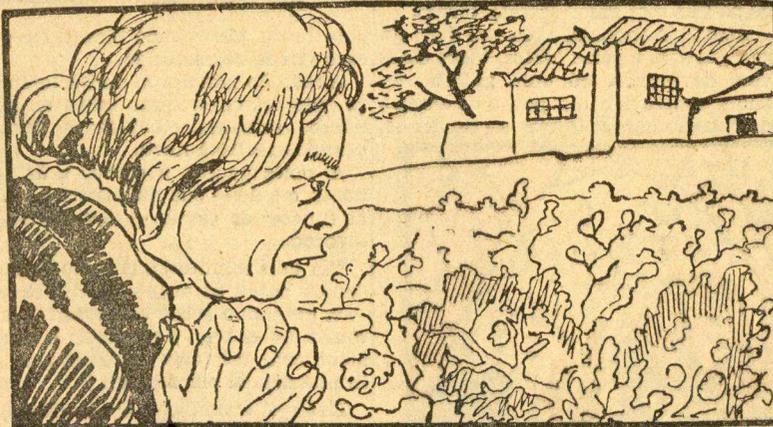
Ao ser arremessado para dentro do carro pelo cigano, Mário sentiu-se paralisado de assombro e de terror. Mas, pouco depois, deu-se a reacção: E o pequeno desatou a gritar, a chorar, a espernear.

— «Deixem-me ir para a minha mãezinha!... — suplicava êle. — Eu quero a minha mãe!...»

— «Cala o bico, miúdo! E larga lá a mamã, que já tem com que se entreter, uns dias!...»

E a rir, grosseiramente, o cigano agarrou o pequeno pelos cabelos e mandou:

Laura! Uma tesoura para tosquiar o miúdo!...»



A sua rica hortaliça, tão bonita, tão verdinha, estava cheia de buracos! Ora, como neste mundo tudo se descobre e como os segredos custam muito a guardar, a galinha da índia foi con-

tar ao coelhinho a vingança da criação. Está claro que êste foi, por sua vez, contar à senhora Tereza como fôra operada a destruição da horta. Como podem calcular, ela ficou pior

do que um tigre e logo pensou em castigar os «conspiradores» com uma condenação que lhes ficasse de lembrança. Sabem o que ela fez?

Meteu a criação na capoeira durante um mês inteirinho, vedando, assim, o quintal aos seus passeios. Como sabem os galináceos gostam muito de saltar para fóra da capoeira antes do romper do sol, a que têm tanto amor como qualquer de nós. Foi um grande castigo para todos êles, tanto mais que o coelhinho andava de frente da capoeira a rebolar se e a gosar o sol que êles estavam vendo... por um óculo a única janelinha da capoeira!

Acabado o período do castigo, a criação fez as pazes com o coelhinho branco. Hoje dão-se todos muito bem, como se nada tivesse havido com êles.

O castigo venceu a inveja e a vingança. Eis a moralidade desta história.

A mulher porca e desganhada, obedeceu imediatamente.

Pouco depois, o lindo cabelo de Mário, cortado bem rente, ia fazer companhia ao seu fato, sapatos e meias, num monte de lixo, ao canto da carroça. Mário, com o corpo moído pelas pancadas que o cigano lhe dava para o obrigar a calar-se, estava exausto e deixara-se despir sem protestar. Só esboçou um gesto de repulsa, quando a cigana Laura, obedecendo às ordens do marido, lhe vestiu uns trapos imundos, que tirara duma arca. Dentro dessa arca, de mistura com farrapada vária, viam-se os pratos e os utensílios de cozinha — meia dúzia de cacós vergonhosos — pedaços de pão duro, hortaliças e frutas, algumas já apodrecidas e muitas outras porcarias. Pode calcular-se o cheirinho que tudo aquilo exalava.



os olhos, esforçando-se por suportar tudo com resignação e decidido a obedecer.

Chegados à fronteira e cumpridas algumas formalidades, a carroça internou-se em Espanha. Nenhum dos guardas fez reparo no pègueno, que, sujo e esfarrapado, parecia ser um cigano.

Passaram Tuy.

Andaram, andaram, até ser noite escura. A certa altura, desviada a carroça da estrada principal, entranharam-se nuns campos, onde a cigana-gem resolveu acampar.

— «Laura! O miúdo vai ajudar-te a apanhar alguns ramos para fazeres a ceia! Se experimentar fugir, arrumalhe um bom directo aos queixos!...»

(Continúa no próximo número)



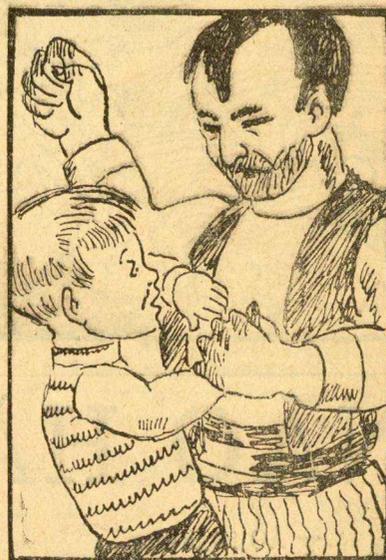
Depois de Mário estar pronto, o cigano mais forte, que parecia ser o chefe, foi examiná-lo.

— «Hum! — resmungou êle. — Ainda não estás perfeito!...»

E metendo as mãos no monte do lixo, sujou-as bem e passou-as depois pela cara, mãos e pés do pobre Mário...

— «Bom — concluiu êle — agora estás um tipo quasi com'a gente!... Só te falta uma coisa: seres mudo!... Mas isso também se arranja, se fôr preciso!... Se dizes a alguém quem és, ou se dás um pio quando atravessarmos a fronteira, agarro nesta tesoura e... tão certo como eu me chamar Custódio, corto-te a lingua ao meio!... Hein? Está entendido? Nem que eu tenha de penar toda a vida no xelindró!...»

Mário sentiu um arrepio que o fez tremer dos pés à cabeça. Enxugou logo



# CARLITOS foi ao CINEMA

Por ANIBAL NAZARÉ

O Carlitos foi ao cinema, outro dia. E, cheio de alegria, quasi que deu gritos de contente!

Alegremente, esteve assistindo a uma fita, muito exquisita, que se passava na China!

Nem se imagina! Carlitos, rindo, esteve observando umas crianças chinésas

que, com uns páuzinhos, miúdinhos, e quasi que por encanto, comiam tanto arroz, que o petiz, nunca supôs que pudessem comer tanto!

No dia seguinte, à mãe, Carlitos, sem hesitar, pediu arroz, p'ró jantar, e p'ró almôço, também! Mas... muito arroz... Um jantar que fôsse, assim... .. um jantar todo de arroz do princípio até o fim!

— Mas p'ra quê? — diz com bondade,

a mãezinha, que o adora. — Que idéa foi essa, agora, dum jantar tão engraçado? Mas Carlitos diz que chora, se lhe não faz a vontade... E, no fim, explica amuado:

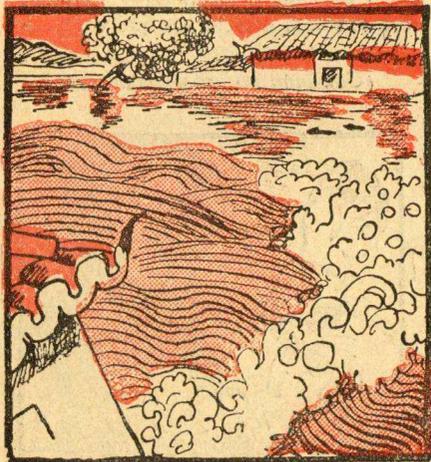
— Eu quero comer arroz, não por achar divertido, mas p'ra ver se me nascia, se o comesse muitas vezes, um rabicho, assim, comprido, como teem os chinéses!...

# OS ALCATRUZES

POR LAURA CHAVES

NAQUELA grande quinta do Alvear que pertencia ao Bento da Izidora havia um milharal, horta, pomar, um poço muito fundo e uma nora.

O Bento tinha um filho, o Joãozinho, que era azougado a mais não poder ser, bom coração, cabeça de estorninho e pernas de sardão, sempre a mexer!



Porém, na quinta, uma só coisa havia que obrigava a estar quedo o rapazote, era a nora a girar, chia que chia, e os alcatruzes sempre num virote.

Achava muito triste a condição dos alcatruzes, mesmo imerecida, cheíinhos, transbordando, na ascensão, vazios, já sem água, na descida.

Mas, certo dia, a sorte desandou. Esse inverno foi rude, o que choveu! Veio a cheia que os campos inundou e tóda a sementeira se perdeu!

O pobre Bento teve de empenhar a quinta e a casa, para se manter, mas como não houvesse onde o ganhar teve, por fim, coitado, de as vender.

Anos passaram. O João cresceu, ora aqui, ora ali, sempre aos baldões. Nunca mais amanhou o que era seu, ora servindo bons e maus patrões.



Foi, por acaso, um dia trabalhar — sempre a sorte, por vezes, é bem! — naquela mesma quinta do Alvear aonde êle nascera e se criara.

E que saúdade, Santo Deus, que máo ao ver a velha nora êle sentiu; e disse, com os olhos razos de a — «Sou eu, agora, o alcatruz vazio»

Há-de ser sempre assim, séculos enquanto o sol nos der calor e luz a vida há-de ser sempre a grande de que o homem é mísero alcatruz

# NÃO HÁ PRESSA...

Por MANUEL FERREIR

NÃO há pressa... que não dê em vagar — concluem os meus meninos ao lerem esta pequena história. O sr. Campos era um proprietário muito rico que residia em Lisboa e costumava passar o verão na sua quinta dos arredores.

Era muito boa pessoa, mas um nadinha orgulhoso.

Ora, perto, na quinta, havia um lavrador humilde chamado «Jóquim» que nunca podia levar à paciência que o sr. Campos andasse nas horas de estalar — *pól pól pól* — a correr pelas estradas no seu luxuoso automóvel.

— «Quem quere ver o sr. Campos é no *diacho* dessa *mânica* que anda como as botas de sete *léugas!*» — dizia o campónio, de quando em quando.

O «Jóquim», muitas vezes, ia abastecer-se à vila, no seu ronceiro carrinho, puxado pelos bois, que se chamavam *Formoso* e *Castanho*.

Encontrava o sr. Campos no caminho.

O ricaço, quando via o saloio, abrandava a marcha do auto. E começava a galhofar com êle:

— «Então, ti' Joaquim... Chega hoje ou amanhã à villa? Olhe que, daqui a pouco, está o sol a pino...»

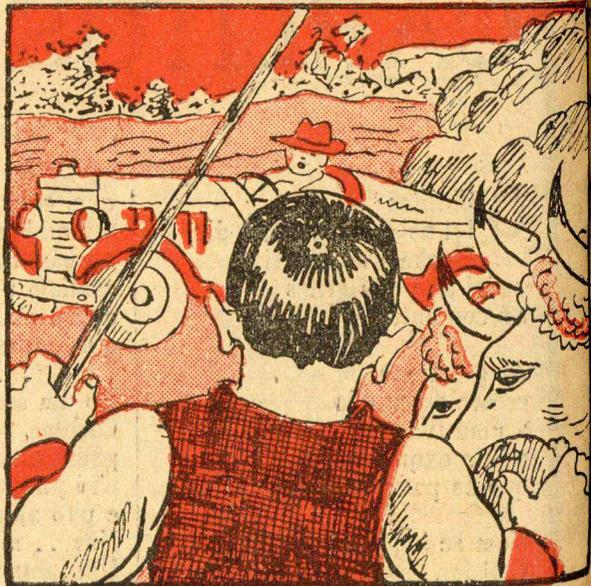
O ti' «Jóquim» tirava o carapuço e dizia, sorridente:

— «Ora, adeus! Nem por muito madrugugar se amanhece mais cedo. Devagar, se vai ao longe... Lá havemos de chegar.»

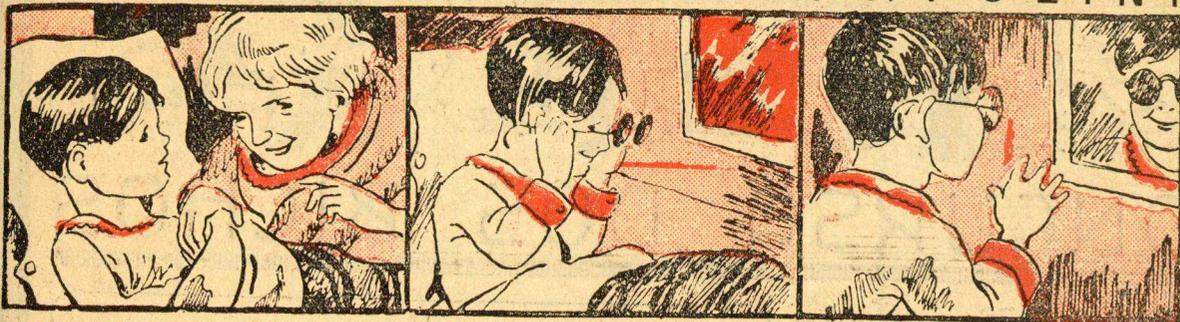
— «Ah! Ah! Nesse carro, se chegar lá hoje, é para deitar foguetes! Ah! Ah!»

E ria-se...

Entretanto, o saloio dizia-lhe:



OS OCULOS PRETOS DA AVÓZINHA



I — A avó do nosso Zêquinha,  
— (o mais traquinas dos netos.) —  
diz-lhe, ao pô-lo na caminha :  
— «Viste os meus óculos pretos ?!»  
Volve êle : — «Não, avózinha !»

II — Mas, assim que se vê só,  
Zêquinha, muito ligeiro,  
tira os óculos da avó  
debaixo do travesseiro  
onde faz o seu «ó-ó».

III — E no espelho que, na frente  
da caminha, tem o Zéca,  
a três quartos e de frente,  
o levadinho da breca  
todo se mira contente.



IV — Mas, nisto, chega-lhe o sono  
e eis que adormece o petiz,  
em dulcíssimo abandono,  
com êles sôbre o nariz.

V — Já de manhã, a Avózinha  
chama-o, à porta do quarto,  
e diz-lhe : — «E' dia, Zêquinha!  
De dormir não estás farto ?!»

VI — Mas esquecido o Zêquinha  
já dos óculos, murmura :  
— «Que idéa ! E' noite, avózinha,  
vejo a janela inda escura !»

— «Cuidado, sr. Campos! Olhe que essas correrias  
proxam do péto. São muito arriscadas!»

— «Arriscadas! Ora, ora! Há tantos anos que lido  
com êste automóvel e nunca me aconteceu nada.»

Os bois do carro do «Jóquim», revoltavam-se contra  
a atitude do rico proprietário. E o Castanho olhava para  
o companheiro, como que a perguntar:

— «Que dizes a isto, meu velho ?!»

O Formoso olhava para o outro com um olhar ma-  
chado, parecendo dizer:

— «Êle faz pouco de nós, mas, qualquer dia, há-de  
precisar dos nossos serviços!... Tão certo...»

Assim foi.

Certa manhã, o «Jóquim» estranhou não encontrar o  
automóvel do sr. Campos.

Foi olhando para a estrada e, numa ribanceira, viu o  
automóvel danificado e o sr. Campos sem dar acôrdo  
si.

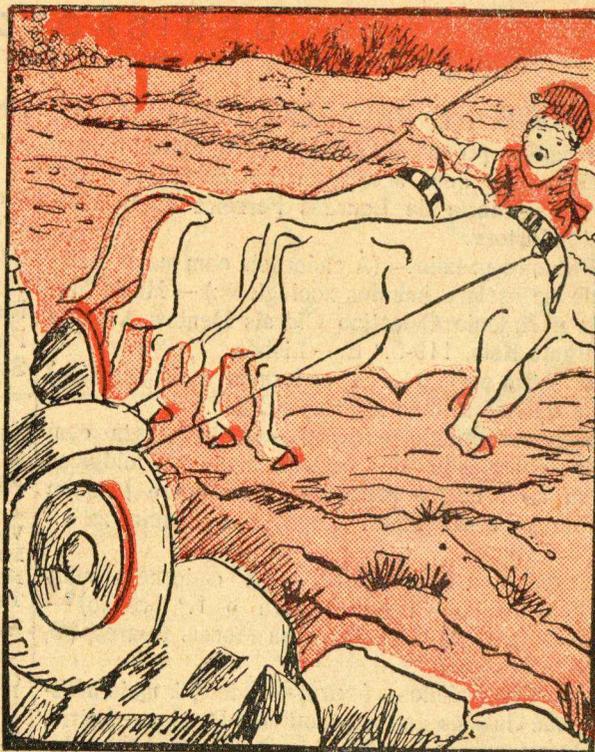
Imediatamente se apiou e, com a ajuda dos bois, pro-  
curou retirar o automóvel da situação em que estava.

Foram, afinal, os bois, de que o sr. Campos tanto tro-  
peçou, que o auxiliaram naquela grave emergência.

Quando voltou a si, o sr. Campos encontrou-se no seu  
carro, rodeado pela família e pelo bom «Jóquim» que o  
ajudou a levar a casa.

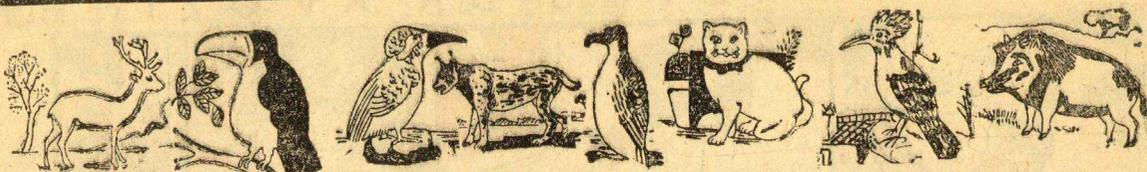
E, ao ouvido do camponês, o rico proprietário murmu-  
rara humildemente:

— «Afinal, ria-me tanto do seu carro de bois e, toda-



via, foi você, com êle, quem me salvou. Vá lá a gente ter  
pressa...»

(Continua na página 7)



# CONCURSO DOS BICHOS

## CONSIDERAÇÕES:

Estamos plenamente satisfeitos com o sucesso obtido pelo nosso instrutivo concurso, que tão vivamente conseguiu interessar os pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum».

Atingiu quasi duas centenas o número de cadernetas apresentadas, todas elas reveladoras de apreciáveis qualidades de paciência, aplicação, amor ao estudo e até, por vezes, de requintado gosto na forma como foram executadas. Parabéns a todos sem excepção, pois todos capricharam em corresponder dignamente ao nosso objectivo cultural. Na impossibilidade, por falta de espaço, de fazermos uma referência de justo louvor a cada concorrente, deixámos ao Júri o encargo de avaliar e salientar as cadernetas mais dignas de especial menção.

## LISTA DOS BICHOS INCLUIDOS NO CONCURSO

Águia ou *águia real*; alca torda, *alca imperial* ou *torda mergulheira*; arara, *ave lira* ou *ménuer*; baleia, boi ou touro, calão ou *calão rinoceronte*; canguru, cão, cabra, *bode*, *mazama* ou *chito*; camaleão, cassuar, cavalo, coelho, coruja, elefante, flamingo, *galeopiteco* ou *lémur*; galo, gato, gnu ou *boi cavalo*; hipopótamo ou *cavalo marinho*; javali ou *javardo*; lagarto, *lagartixa* ou *sardão*; leão, lince ou *lobo cerval*; macaco, môcho, *dufo* ou *corujão*; naja, *cobra de capelo* ou *de óculos*; okapi. Ornitorinco, papagaio, pavão, pêga, peru, porco-espinho, *pica-peixe* ou *martim-pescador*; pingoin, *cotete* ou *mangote*; rapôsa, rato, *ratazana* ou *arganaz*; tatu ou *armadilho*; tapir ou *tapi-rete*; texugo, toupeira, tucano, urso branco ou *urso polar*; urso formigueiro *pápa-formigas* ou *tamanduá*; vampiro ou *morcégo*; veado.

## DECISÃO DO JURÍ APURAMENTO FINAL

### PRÉMIOS DE PRIMEIRA CATEGORIA

Primeiro prémio — (Tirado à sorte entre todos os concorrentes que acertaram na designação dos bichos:) — Maria de Lourdes Ferreira de 9 anos, Monte-Murtosa.

Primeiro prémio — (Á caderneta com maior quantidade de esclarecimentos zoológicos:) — Maria Manuela e António Celestino Cidrais Dentes. Avenida Almirante Reis, 119-3.º E. — Lisboa.

Primeiro prémio — (Á caderneta mais artística) Maria Salomé Militão Martins — Faro.

Segundo prémio — (extra) — (Á caderneta com maior quantidade de esclarecimentos zoológicos aquém do primeiro prémio) — Henrique e Joaquim de Matos Fernão Pires. Largo D. Estefânia, 22-1.º Esq. — Lisboa.

Segundo prémio (extra) — (Á caderneta mais artística, abaixo da que obteve o 1.º prémio) — Eduardo A. Luna Carvalho. Rua Morais Soares, 95, 2.º D. — Lisboa.

Terceiro prémio — (extra) — (Idem, à mais artística) José Gusmão de Gois Coutinho Pataias — Leiria.

Quarto prémio — (idem, idem) — Maria I. Dias Semedo T. — R. Tomaz Ribeiro, 54, r/c D. — Lisboa.

### PRÉMIOS DE SEGUNDA CATEGORIA

Um livro infantil ilustrado a cada concorrente. Tirados à sorte entre todos que acertaram: Maria Madalena Mendes Ferreira. Rua das Pedras

Negras, 36-2.º; Amílcar Quaresma de Almeida — Faro; Jorge Celestino da Costa Croner.

Às mais completas em esclarecimentos zoológicos: Maria Leonor F. Oliveira — Figueira da Foz; Virgílio Pontes Pereira — Castelo de S. Jorge; Emídio Alvaro Araújo Matos — Cernache-Coimbra.

Às mais artísticas: Ernesto Eugénio Santos — Rua da Senhora da Glória (à Graça) 77-3.º; Fernanda Pina Gonçalves — Pero-Vizeu; António Baía dos Santos — Rua Silva Carvalho, 216 R/C.

### MENÇÕES HONROSAS

#### COM DIREITO À PUBLICAÇÃO DO RETRATO

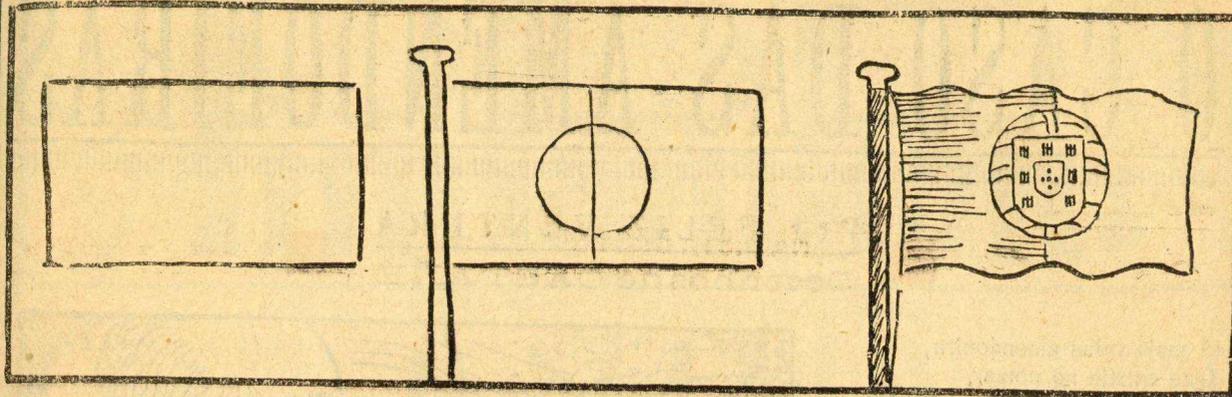
Aos que acertaram:

Manuel dos Santos Alveirinho, Lisboa; Abel Carlos Vieira da Ponte, Sintra; Jorge dos Santos Vieira, Pernes; Manuel Mota Nunes Perna, Tomar; Amílcar Silva Nobre Neto, Portimão; Maria L. Sousa Mendes e Maria Angela Teixeira Borges.

Às cadernetas mais artísticas:

Eduardo Soares de Albergaria, Avó; Joaquim Alberto Coelho, Odemira; Maria Vieira Rodrigues, Almeirim; Maria Isaura Bastos Pinto Mendes, Evora; Hamilton Ferreira da Costa, Macinhata do Vouga; Maria Antónia Costa Miguel, Lisboa; Maria Isabel Vieira Pereira, Coruche; João Ribeiro Machado, Guimarães; Clarice Raposo Vicente, Lisboa; Maria Eugénia dos Santos Nacho, Castelo Branco; Maria das Dores Marreiros Pinho, Lisboa; Maria Fernanda Travassos Valdez, Sintra; Manuela Gomes dos Santos, Torres Vedras; Fernanda Manuela Patrocínio Gonçalves, Lisboa; Leonor dos Anjos Oliveira Ruela, Estarreja; Jorge Carreira Florindo, Lisboa;

# L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha a querida bandeira da nossa Pátria

Não há pressa...

(Continuação da página 5)

— «Não há pressa que não dê em vagar» — (rematou o «Jóquim») — «E olhe que ninguém deve dizer: «desta água não beberei.»

Uma vez restabelecido, nunca mais o sr. Campos troçou do carro de bois que gemia, longamente, ao rodar pela estrada.

Nada, nada, que a lição, embora proveitosa, foi bem dura!...

## ANEDOTA

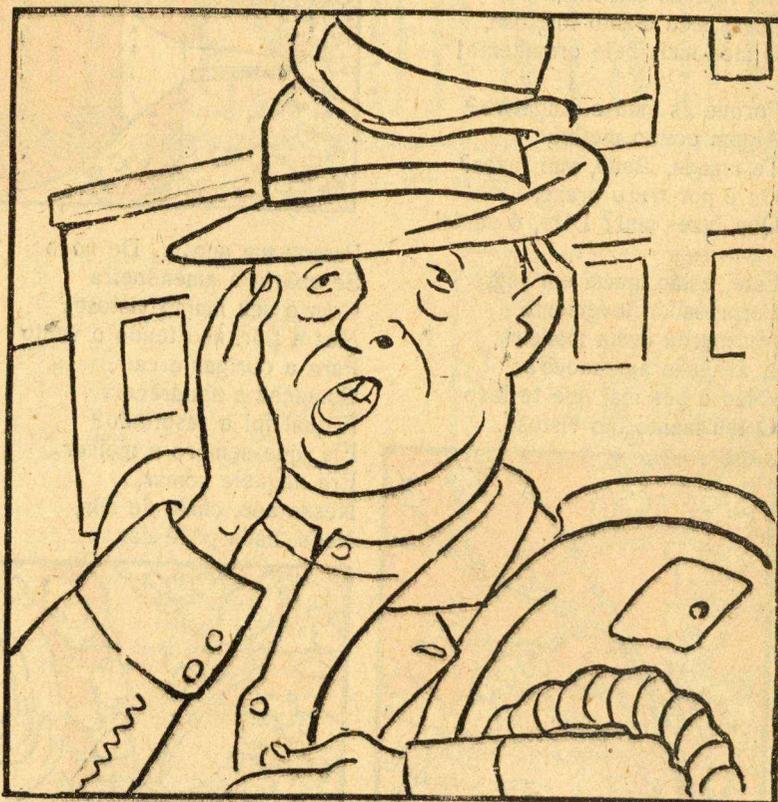
No registo civil:

- O senhor é casado?
- Sim senhor.
- E com prole, não?
- Não senhor, com Eufrásia Quitéria.

— Não é isso, homem, com prole, quer dizer com filhos...

— Ah! agora entendo. Sim senhor; com um prole e uma prola para servir vossoria.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



Zelinda Rosa Graça Ruas, *Cuba*; Joaquim João Correia, *Almeirim*; Mario Armando Domingues, *Lisboa*; Maria Zelia Santos Martins, *Torres Vedras*; Alexandre Pires de Lima, *Porto*; Vera Pádua de Oliveira, *Coimbra*; Lino Caetano Martins, *Burquinha*; António Martins O. Castro, *Lisboa*; Odete Pires Esteves, *S. Martinho do Porto*; Marília Maia de Almeida Costa, *Estarreja*; António Henriques Seco, *Lisboa*; José Correia Levy Abrantes, *Lisboa*; Julio Rodrigues Tomar, *Lisboa*; Suzete Samora Faustino, *Lisboa*; Olga Teresa Iglesias Ferreira, *Espinho*; António Almeida Albuquerque Júnior, *Beja*; Maria Vitória Pimenta Brisson, *Setubal*; Ivone Cristina Santos Lopes, *Estarreja*; José Valentim do Nascimento, *Vila Real de Santo António*; Maria Leonor Oliveira, *Figueira da Foz*; Virgílio Pontes Pereira, *Lisboa*; Emidio Alvaro Araujo Matos, *Cernache*; Maria Madalena Mendes Ferreira, *Lisboa*; Amílcar Quaresma Almeida, *Faro*; Jorge Celestino Costa Croner, *Ema Pinto Leite*, José Piçarra Lopes Dias, Jorge

Apolónia, Maria de Lourdes Capela e Silva, Virginia Colaço Lança, Ana Rica Matos e Maria de Lourdes Mingot.

As cadernetas mais completas em esclarecimentos

Olga Teresa Iglesias Ferreira, *Espinho*; António Almeida Albuquerque Junior, *Beja*; Maria Vitória Pimenta Brisson, *Setubal*; Ivone Cristina Santos Lopes, *Estarreja*; José Valentim do Nascimento, *Vila Real de Santo António*, Maria Salomé M. Martins, Maria S. Mendes, José B. Sena, Antonio J. Ventura, Branca Dias e Antonio H. Silva.

### NOTA DA REDACÇÃO

A-fim-de compensarmos o esforço e boa vontade manifestados por alguns concorrentes, que muito se esmeraram, foi aumentado o número de prémios, conforme acabam de ver.

# O CASO DAS AMENDOEIRAS

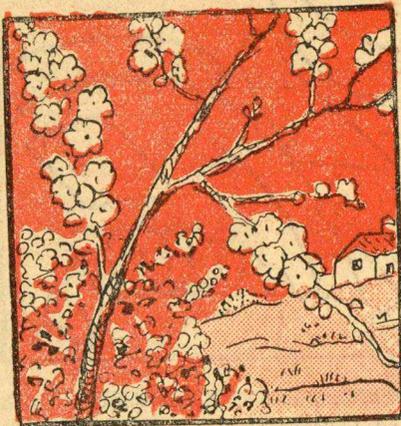
Por FELIZ VENTURA

Desenhos de CASTAÑÉ

A mais velha amendoeira,  
Que existia no pomar,  
Disse, assim, um dia, ao vento:  
Tu, quando estou mais bonita  
Cheia de flôres mimosas,  
Vens correndo e, num momento,  
Em rajadas furiosas,  
Levas meu manto formoso,  
O meu mais belo ornamento!

Porque és má e vingativo?  
Algum oculto motivo  
Te manda, assim, mal fazer?  
Ou é por mero prazer  
Que fazes mal? Dize, ó vento!

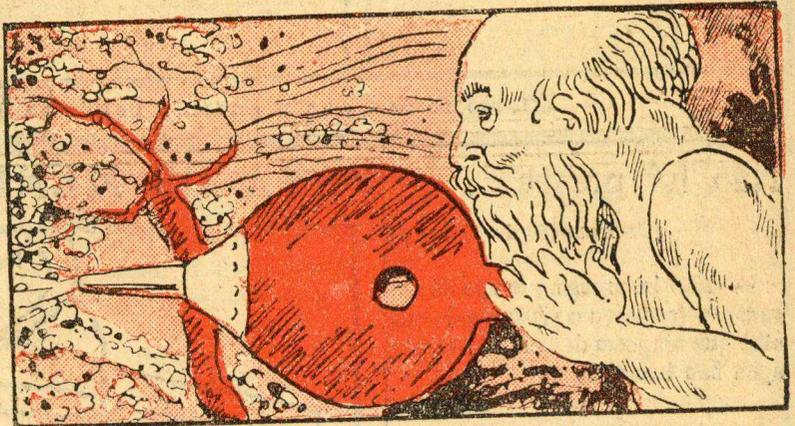
Êste, estão, quási em segredo,  
Perpassando levemente,  
Murmurou desta maneira,  
Á zangada amendoeira:  
«Não é por mal que te levo  
O teu manto tão vistoso.



Mas para te fazer bem!  
Se eu, acaso, te deixasse,  
Tua tão formosa flôr  
Não daria fruto algum,  
Nunca teria valor.»

Mas ela, tôda altaneira,  
Törnou com voz muito irada:  
«Pois dispensô os teus serviços,  
Não os quero para nada!»

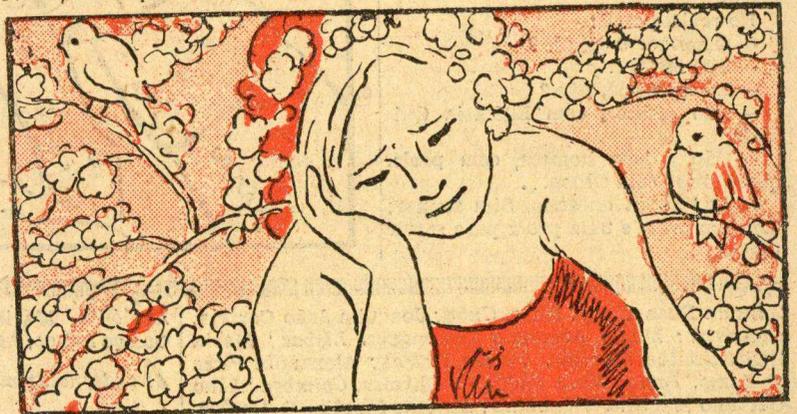
Ficou o vento zangado  
Como era de calcular  
E disse: «Pois muitas vezes  
Por mim inda hás de chamar!»



Passou um ano... De novo  
Se cobriu a amendoeira  
Com o seu manto vistoso;  
Mas a flôr, não tendo o vento  
Para a obrigar a cair,  
Começou a apodrecer.  
E qual foi o resultado?  
Ela, que sempre a melhor  
Era naquele pomar,  
Nêsse ano, cheia de dôr,  
Nada, nada pôde dar.

Significado moral?...  
Já deve estar entendido:  
Só o bem reconhecemos,  
Em geral, quando perdido!

F  
I  
M



## CHARADAS

COMBINADAS

+ ma = Leito  
+ ca = Cama  
+ ma = Copa  
+ ma = Senhora  
Conceito: *Companheiro*

SOLUÇÃO DAS DO NUMERO  
ANTERIOR

1 — Anedota; 2 — Pacóvio; 3 —  
Caramelo.